

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A ÚLTIMA DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS E A INTERPRETAÇÃO DA "PEDRA FORMOSA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1931 | Número: 41

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da "Pedra Formosa". *Revista de Guimarães*, 41 (3) Jul. Set. 1931, p. 201-209.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da «Pedra Formosa»

(Continuação de pág. 60)

Uma vez erguida a nova «Pedra Formosa» (chamemos-lhe assim, por analogia), verificámos que a sua face externa ostentava uma ornamentação muito mais simples que a da antiga Pedra (fig. 3). Era apenas formada por uma série de quatro grupos de arcos de circunferência concêntricos, acompanhando o contôrno da cavidade praticada na parte inferior da Pedra, e por três círculos rebaixados, apresentando em relêvo dois trísceles: um, o maior, na parte superior média, com os braços ou raios em movimento dextrórsim (no sentido da translação diurna aparente do sol), outro, ao lado esquerdo, em movimento sinistrórsim; finalmente, o terceiro círculo, do lado direito, também rebaixado mas sem tríscele algum, talvez representativo da própria imagem solar ou do plenilúnio. Levantada a Pedra e convenientemente equilibrada, por aqui ficou o trabalho nessa tarde.

Limpo do entulho, nos dias sucessivos, o espaço que ficava para o lado exterior da «Pedra Formosa», verificou-se a continuação do mesmo pavimento lageado da galeria interior, a seguir à construção circular, pavimento constituído também aqui por grandes pedras da largura de 2 metros, e ocupando uma extensão total de cerca de 2<sup>m</sup>,50. Nesta continuação do corredor, já não existiam as paredes late-

---

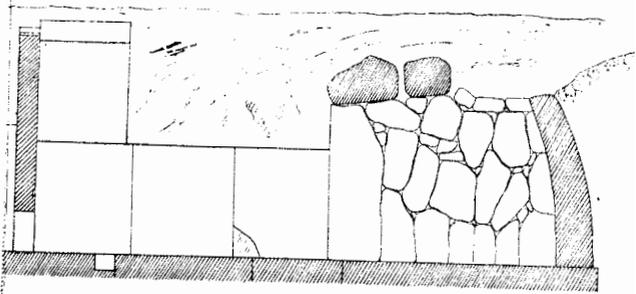
Por comunicação do Sr. Presidente da S. M. S. e Director desta Revista soubemos, tardiamente embora, que a Direcção da Sociedade nunca esteve na intenção de voltar a aterrar o monumento arqueológico que constituiu o objecto do presente estudo (como, por equívoco de informação dissemos, a pág. 58), nem tampouco ponderara ou discutira oficialmente qualquer opinião estranha, emitida naquele sentido do soterramento. (*Nota do A.*)

rais, mostrando contudo a nova «Pedra Formosa», nos bôrdos da sua face externa, evidentes vestígios de ter topado com uma parede, encontrando-se ainda agarrados a ela, em todo o contôrno lateral e superior, restos de uma argamassa barrenta ou espécie de cimento esbranquiçado, que outrora tomara as juntas ou encôsto das pedras. Nem de outro modo, sem as paredes laterais exteriores a comprimi-la contra as interiores, a «Pedra Formosa» se poderia manter na sua posição vertical, sempre sujeita a que, com o pequeno esforço de uma alavanca, se desviasse facilmente dêsse equilíbrio instável, tombando para fora. E as obras architectónicas, quanto mais primitivas, mais parece terem sido construídas para afrontar os séculos, fora portanto de tão precárias circunstâncias de solidez.

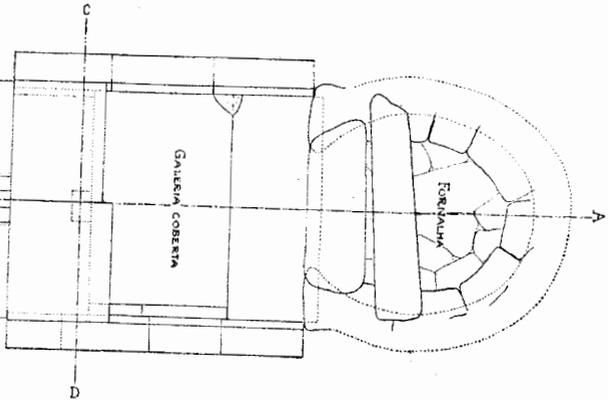
Do entulho foram retiradas várias pedras, destacando-se duas que, pela sua forma e grande tamanho, logo se depreendeu a que parte do monumento pertenciam: eram duas lages, com a superfície aproximada de 1<sup>m</sup>,50 por 1<sup>m</sup>, e a espessura de 0<sup>m</sup>,25, talhadas num dos extremos em bisel, as quais faziam parte constitutiva da cobertura do corredor. As paredes laterais dêste apresentavam, no seu tôpo superior, um sulco, em tôda a extensão longitudinal, em forma de diedro reentrante; neste sulco assentava a parte biselada das duas pedras encontradas, que assim se manteriam topando pelas extremidades superiores, formando um teto em duas águas, a acompanhar o recorte superior da «Pedra Formosa» (vid. corte segundo  $\overline{CD}$ , na figura 4). Com o auxílio de um guindaste foram estas duas pedras montadas, assentando perfeitamente no lugar assinalado e ficando assim coberto, em parte, o corredor imediato à construção circular.

Como as paredes dêste corredor não suportariam o enorme esforço da pressão lateral da pesada cobertura de pedra, se não estivessem enterradas e portanto reforçadas pela resistência do terreno exterior a que encostavam, constituiu êste facto prova suficiente de que, pelo menos a parte do monumento até então explorada, era inteiramente subterrânea. Dizemos — inteiramente, porque as pedras da cobertura, tanto do corredor como da construção circular, se apresentavam mais ou menos trabalhadas a pico na face interna, conservando-se em bruto na exterior, precisamente a mais visível, se não tivesse estado coberta pela terra.

CORTE SEGUNDO CD



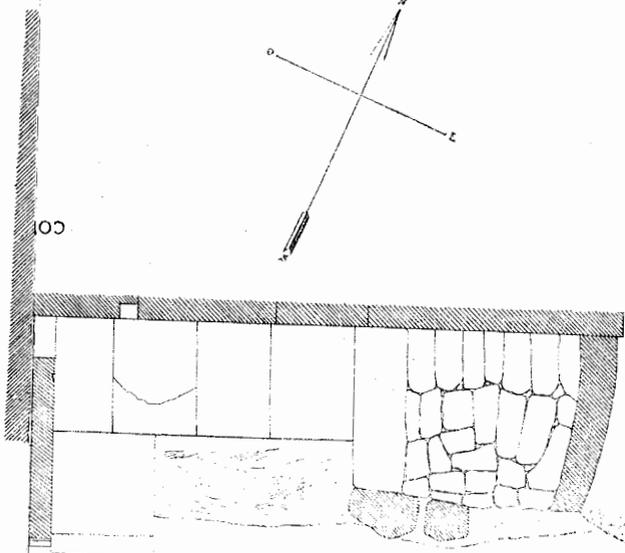
BA



GALESA COBERTA

FORNAX

CORTE SEGUNDO EF



CO

(Des. do autor).

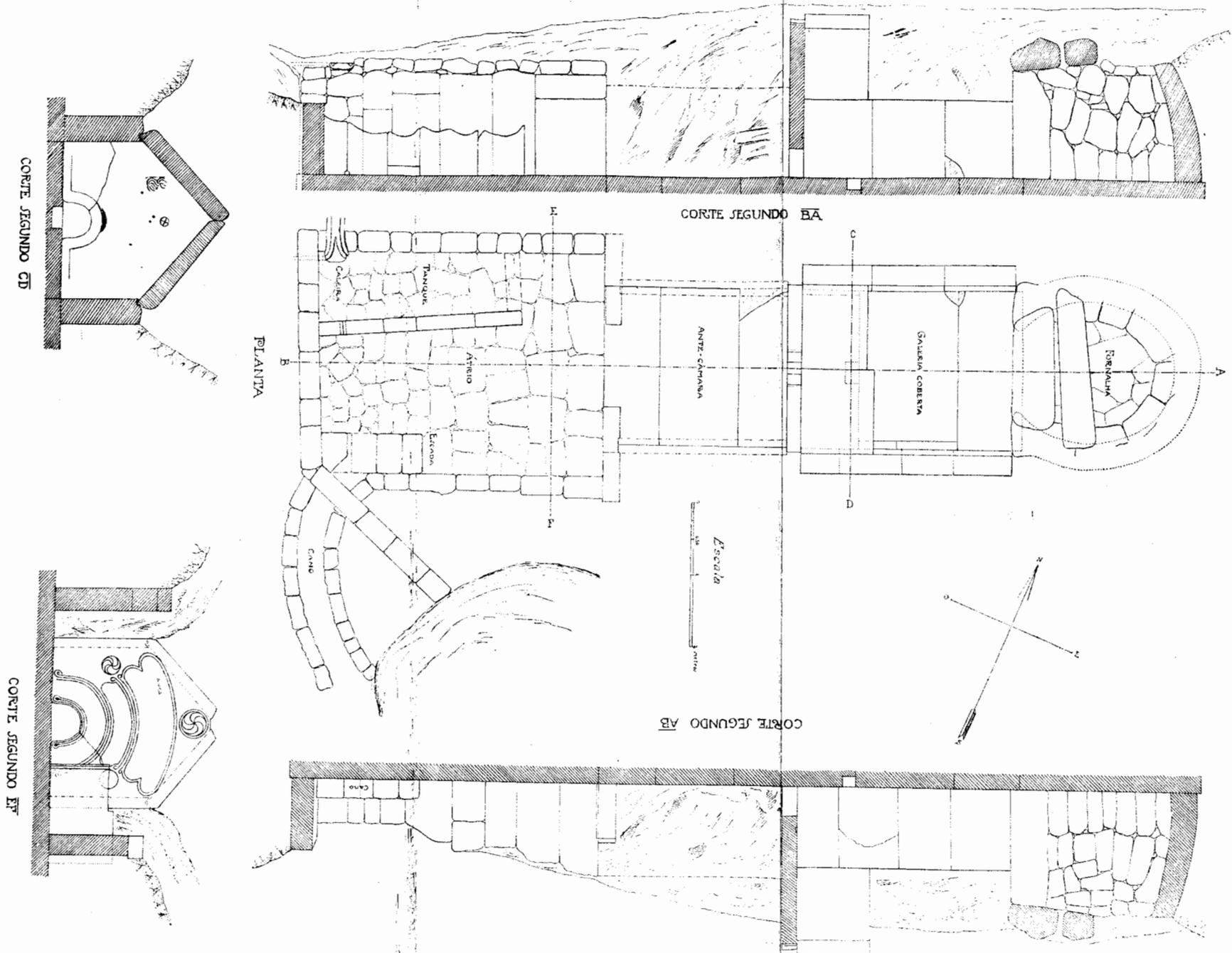
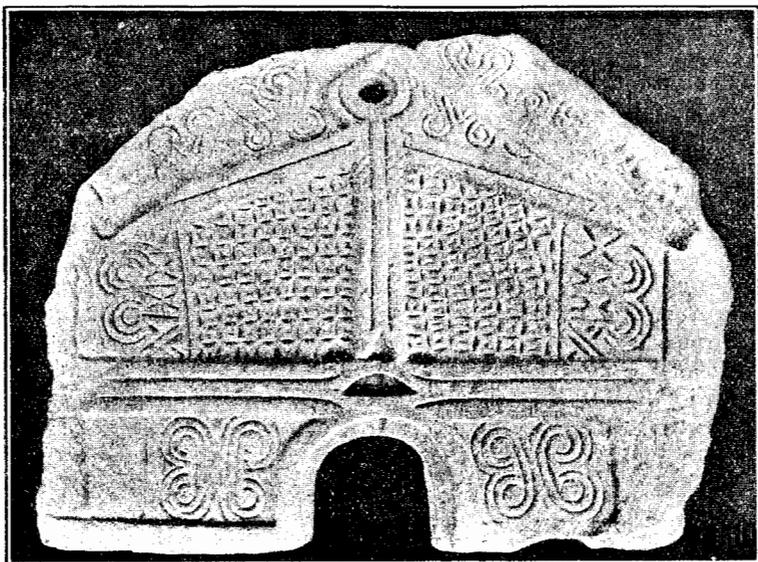
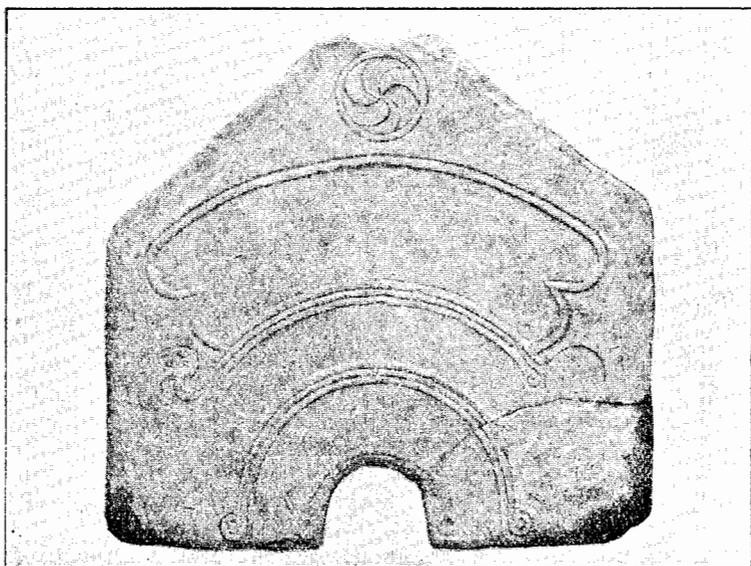


Fig. 4. — Planta e cortes do monumento

(Des. do autor).



a) *A antiga Pedra Formosa.* (Dimensões : 2,90 × 2,28 × 0,24)



b) *A nova Pedra Formosa.* (Dimensões : 2,34 × 2,15 × 0,20)

Fig. 3

(As duas pedras foram reproduzidas na mesma escala, mantendo-se aqui, portanto, para comparação, as suas grandezas relativas.)

Não tendo aparecido, como dissemos, as paredes laterais da parte externa deste corredor interceptado pela «Pedra Formosa» (embora duas outras pedras, também soterradas no entulho, dessem indícios de terem constituído materiais dessas paredes, por mostrarem num dos topos o mesmo rasgo em ângulo reentrante), apareceu todavia uma pedra que não tinha sido, evidentemente, deslocada do seu lugar próprio e constituía a parte inferior de uma das umbreiras da porta de acesso a tal recinto. A face exterior dessa pedra rectangular apresentava um singelo ornato, em meia-cana relevada, que certamente contornaria tôda a porta. Para aquém desta porta, uma rôta mandada abrir no terreno pelo Dr. F. R., numa extensão de cêrca de 4 metros, pôs ainda a descoberto a entrada de uma encação de pedra, com uma bôca de 0<sup>m</sup>,40 de largo por 0<sup>m</sup>,25 de alto.

Entretanto chegava o dia 28 de Setembro, marcado, para a visita à Citânia, aos Congressistas do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pre-

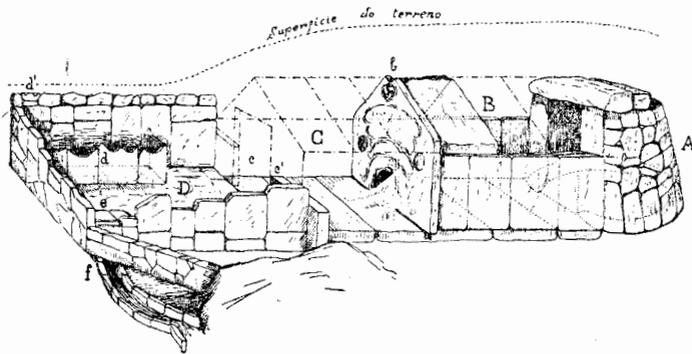


Fig. 5. — Perspectiva do monumento (Des. do autor).

- |   |  |
|---|--|
| A — Fornalha, com vestígios da acção do fogo na superfície interna.                             | D — Átrio, pavimentado com pedras pequenas.  |
| B — Galeria coberta, com o teto em duas águas reconstituído em parte.                           | d — Tanque quadrangular, com um profundo desgaste na parte superior das guardas, denotando que serviram para ahar ou polir quaisquer instrumentos. |
| b — Pedra Formosa, com três símbolos astrais, na face exterior (dois tris-celes e um disco).    | d' — Gárgula de pedra, que lançava a água para o tanque, vinda numa caleira, da fonte da Citânia.  |
| C — Ante-câmara, em continuação da galeria coberta e, como ela, pavimentada com grandes pedras. | e — Vestígios de escada.   |
| c — Porta, da qual resta apenas uma pedra da umbreira direita, c'.                              | f — Cano de esgôto, passando por baixo da escada e drenando as águas do átrio.   |

-histórica, não tendo havido tempo, por então, de levar mais além as escavações.

Sendo, nesta altura do trabalho, bem patentes os indícios de fogo (e tendo mesmo aparecido pequenos fragmentos de carvão na construção circular, agora perfeitamente limpa das aderências de terra), tanto nas paredes como no limiar da porta, cuja pedra da soleira se encontra calcinada pela acção persistente de um calor intenso de brásido, como muitas vezes se observa na pedra das lareiras rústicas, mais corroída no pequeno espaço onde habitualmente arde o lume, — êste facto levou o Dr. F. R. a inclinar-se para a convicção de que o monumento descoberto teria servido de crematório geral, para a incineração dos mortos citanienses, apresentando neste sentido uma rápida notícia, redigida em francês e destinada aos Congressistas.

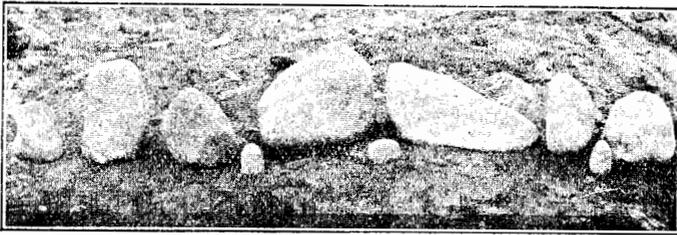


Fig. 6. — Algumas das pedras polidas, encontradas no interior do monumento

Não nos repugnou essa interpretação, que não se afastava, de um modo absoluto, da ideia, geralmente aceite pelos visitantes, de se tratar de um simples sepulcro (por incineração), individual ou colectivo. O extremo desgaste com que se apresenta a superficie das grandes pedras do solo do corredor, em tôda a sua extensão, nas duas partes separadas pela «Pedra Formosa», revela, por essa cuidadosa polidura, um uso prolongado e contínuo, como que resultante não propriamente do atrito dos pés, mas de uma lavagem ou limpeza freqüente, auxiliada talvez pela fricção de uma pequena pedra movida à mão sôbre o pavimento, como usam ainda os canteiros actuais, quando querem obter um polido perfeito, após a regularização pelo cinzel de qualquer superficie granítica. A fortalecer esta suposição destacava-se o achado, no interior do monumento, de

um grande número de pedras roladas, de diversos tamanhos, muito poidas, algumas delas semelhantes às pedras de mão dos trituradores primitivos, apresentando por vezes vestígios evidentes de terem sido requeimadas pelo fogo (fig. 6).

O facto de a primitiva «Pedra Formosa» nos impor a convicção de na Citânia ter existido, pelo menos, outro monumento semelhante ao recentemente descoberto, não invalidava a hipótese do crematório (*ustrinum*) (1), pois é sabido que também na antiga Roma havia um lugar destinado à incineração dos grandes, no Campo de Marte, e outro para as necrópoles populares, no Monte Esquilino (2). Bem podia, pois, na Citânia, apesar de ser uma povoação bem humilde, em confronto com a Roma imperial, ter havido, também dois *ustrina*, e até mais, porque muitas vezes esses monumentos eram meramente particulares, servindo uma única sepultura de família. De resto, pode apontar-se um facto paralelo contemporâneo, em grande número das nossas pequenas povoações, as quais possuindo muitas vezes mais que uma igreja ou capela, em qualquer desses templos, indistintamente, inumavam os cadáveres. Finalmente, os tríscelos da nova «Pedra Formosa», como emblemas religiosos, não sendo talvez exclusivos da morada permanente do morto (pôsto que na autorizada opinião do Sr. Leite de Vasconcelos tenham, entre nós, um carácter não só muito castrejo, mas muito funerário), também não seriam improváveis, uma construção destinada à cremação geral, acto eminentemente religioso entre os

(1) *Ustrinum* (de *uro* — queimar) era um local, com disposições apropriadas, exclusivamente destinado à cremação, e de onde as cinzas eram retiradas para serem colocadas na respectiva sepultura, vizinha desse local. Após o ritual da cremação seguia-se o acto da recolha dos restos mortais — *reliquias legere*; estes restos, conservados em urnas cinerárias, eram depois enterrados no monumento funerário apropriado, no caso da cremação em *ustrinum*. Mas quando o morto era queimado e a urna contendo as suas cinzas era enterrada nesse mesmo lugar da cremação, esta sepultura, com a terra formando uma elevação, ou *tumulus*, tomava o nome particular de *bustum* (de *buro*, forma primitiva de *uro*). (Cf. s. v. «*ustrinum*» e «*bustum*» in Daremberg & Saglio, *Dict. des Ant. grecques et romaines* — Paris, Hachette — t. I, 1896, V-1916).

(2) Cf. s. v. «*Ustrinum*», in *Encyclopédie Méthodique* — Paris, Ed. Panckoucke, 1795 — t. V. II.ª partie.

povos antigos, muito embora as cinzas transitassem dali para outro local definitivo.

Todavia, a maioria dos Congressistas, na sua rápida visita, tão rápida que muitos nem sequer notaram os vestígios inconfundíveis da acção do fogo nas pedras da construção, pronunciou-se, com certa firmeza, pela hipótese do sepulcro ou monumento tumular. Porém, esta opinião era, pelo menos, tão ousada e falível como a do crematório, porquanto, não estando a escavação terminada, a sua continuação até final poderia trazer, com outros elementos de



Fig. 7. — Um aspecto das escavações (Fot. do autor).

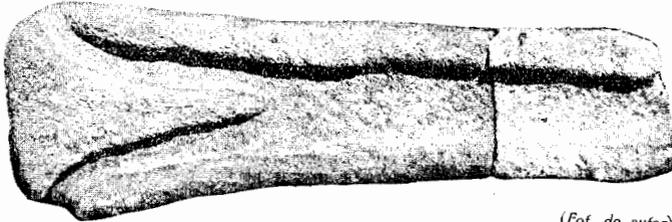
interpretação, a possibilidade de novas hipóteses, tanto ou mais verosímeis do que as já propostas. Apressaram-se também muitos Congressistas na afirmativa de que o monumento era único e sem paralelo na nossa investigação arqueológica; outros, mais prudentes, guardaram reserva neste ponto.

Após a realização do Congresso, o Sr. Dr. F. R. empenhou-se novamente no prosseguimento das escavações, depois de garantido o desvio definitivo da caixa da estrada, por ter sido a respectiva indemnização ao empreiteiro inteligentemente coberta pela Comissão dos Monumentos Nacionais.

Por meados de Outubro, obtidos pela Soc. Martins Sarmiento os fundos suficientes, estava, com o maior êxito, terminada a exploração. Constatou-se que ao corredor laçado já pôsto a descoberto se ligava ainda um compartimento rectangular, com cêrca de 3 metros de largo por 4 de comprido. Este compartimento, a que poderemos chamar o átrio ou vestibulo da construção, é também pavimentado a pedra; aqui, porém, o corte dos blocos é irregular e estes de muito menores dimensões que os do solo do corredor. No ângulo esquerdo dêste pequeno recinto appareceu um reservatório ou tanque de 1 metro de largo por 2<sup>m</sup>,80 de comprido, no qual duas das paredes eram constituidas pelas próprias paredes do átrio, encontrando-se das duas restantes apenas intacta a mais extensa, construída com pequenas pedras da espessura de 20 centímetros. Esta parede ou guarda exterior do tanque apresenta a singularidade de, na parte superior das pedras que a constituem, mostrar uma série de profundos desgastes, em arco rebaixado, fazendo prever que ali se afiaram ou poliram, por muito tempo, quaisquer instrumentos, naturalmente instrumentos cortantes, de ferro (vid. corte segundo  $\overline{BA}$ -fig. 4, fig. 5 d, ou ângulo esquerdo da fig. 7). A água que alimentava êste tanque vinha da fonte pública da Citânia pela caleira à margem da calçada de acesso, a que já nos referimos (cf. pág. 57). Dentro do reservatório foi ainda encontrada a pedra que formava a bica ou gárgula, por meio da qual a água ali caía. Este curioso cano (fig. 8) é bipartido na extremidade, tomando os dois ramos, separados por um deminuto delta, direcções opostas, de forma a que a água se pudesse encaminhar para o tanque ou para o terreno exterior, uma vez o tanque cheio, conforme se vedava um ou outro canal. A sua posição primitiva sôbre a parede do átrio, quasi junto ao ângulo inferior esquerdo, foi denunciada por um pequeno leito ou assento, que ali se conservava aberto e onde a gárgula ajustou perfeitamente (Vid. fig. 4 e fig. 5-d').

Junto ao ângulo inferior direito do átrio, três pequenas pedras assentes horizontalmente, com cêrca de 0<sup>m</sup>,50×0<sup>m</sup>,30 de superficie, marcavam como que a fiada correspondente ao primeiro dos degraus, por onde se descia para êste recinto (fig. 4). Por debaixo dêstes degraus corria para o exterior do edificio a encanação a que já nos referimos (cf. pág. 204), e que se destinava, evidentemente, a dar es-

coante às águas que no átrio se acumulassem, tanto mais que o pavimento de todo o monumento apresenta, a partir da porta da construção circular, na direcção do eixo longitudinal, uma acentuada inclinação que permite drenar rapidamente para o exterior tôda a água lançada em qualquer ponto. Esta encaenação, a que os pedreiros e mineiros chamam «cano rateiro», termina junto à base de um penedo (figs. 4 e 5-f), do lado exterior do monumento e após um percurso curvilíneo, de 2<sup>m</sup>,50, no sitio onde o corte vertical das terras mostrou claramente ter sido outrora a superfície do solo. Este importante detalhe estratigráfico veio esclarecer-nos que o compartimento classificado — átrio, não era subterrâneo, mas sim a céu aberto, ou ostentaria, quando muito, uma cobertura de madeira e telha, ou



(Fot. do autor).

Fig. 8. — Gárgula do tanque do monumento. (Comprimento 1<sup>m</sup>,15)

palha. Por outro lado, a sua largura, já relativamente grande, não permitiria facilmente a construção de um teto em pedra, abobadado ou não.

Abertas ainda diversas valas de sondagem no terreno circunjacente, em direcções divergentes, nenhuns vestígios de parede ou construção foram encontrados mais, considerando pois o Sr. Dr. F. R. terminada a exploração local, dirigida com o êxito mais brilhante.

Quis este infatigável Director da Soc. M. S. que nos coubesse a honra de dar a notícia detalhada da descoberta, que a êle competia como encarregado das escavações, mas que receios infundados de menos competência lhe não consentiram elaborar. Para tal fim, uma vez concluída a exploração, iniciámos sem demora o levantamento da respectiva planta do monumento e medições rigorosas, que haviam de servir de base a este sucinto estudo.

(Continua).

MÁRIO CARDOZO.